

ANACÁ

Rio de Janeiro,
7 de Agosto
de 1926

Director
Conselheiro XX

Anno V
Número 235



Des. de ALVARUS

Cupido, dizem que é cego,
E isso a alguns causa terror.

||

Eu, entretanto, me entrego,
Como escrava, ao meu Amôr...

EXPEDIENTE

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X.

Proprietario: Humberto de Campos

Administração: Rua Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19
(Livraria Leite Ribeiro)

Redacção: Rua da Quitanda, 59 — Telephone Norte 7703

Officinas: Rua Paulo de Frontin, 103 — Rio de Janeiro — Brasil

ASSIGNATURA E VENDA AVULSA

Estados:		Capital:	
Anno	30\$000	Numero avulso	\$500
Anno (sob registro) ...	50\$000	Atrazado	\$600
Numero avulso	\$600	Idem, sob registro mais.	\$600

PARA O EXTERIOR

Porte simples:		Registrado:	
Anno	50\$000	Anno	60\$000
Semestre	30\$000	Semestre	35\$000

Publicação retribuida — (Anuncios) — Preço por vez

Em papel couchê		Em papel assetinado	
1 pagina	250\$000	1 pagina	200\$000
1/2 "	130\$000	1/2 "	110\$000
1/4 "	70\$000	1/4 "	60\$000
Capa anterior - (cores) ..	450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000	
Contra capa, 1a. e 2a. a	350\$000	a linha, por vez, escala corpo 7	

Toda a correspondencia deve ser dirigida no seu proprietario,
Humberto de Campos

FALLENCIA DE UMA FIRMA IMPORTANTE

Após ter causado grandes prejuizo a mui conhecida firma Rins, Bexiga, Prostata & Cia., doença collectiva por acções do portador, está condemnada a desaparecer de circulação desde que seja atacada no fóro intimo pelo admiravel curador que se chama BLENOL e se encontra em todas as boas pharmacias e drogarias.

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n. 44.

X



A PERNAMBUCANA

OFFICINAS GRAPHICAS

Executa com perfeição e nitidez impressões de albuns, revistas e
- - todo e qualquer trabalho concernente ás artes graphicas - -

Especialidade em impressões de chromos, trichromias, etc.

Hermes Pottes

RUA PAULO FRONTIN, 103

Telephone: CENTRAL 2795

(Esplanada do Senado)

RIO DE JANEIRO

Vigogenio

Engorda e dá vigor aos tecidos

O melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de "VIGOGENIO" faz mais effeito que um vidro do melhor tonico.

As Mães que criam, os Anemicos, as Moças pallidas, as Crianças rachiticas e Escrophulosas, os Exgottados, os Depauperados obtêm CARNE, SAÚDE, VIGOR e SANGUE NOVO, usando o "VIGOGENIO".

O "VIGOGENIO" é aconselhado:

1.º — Para as pessoas Fracas, Magras e com FALTA DE APETITE.

2.º — Para as pessoas com EXGOTTAMENTO PHISICO e cerebral, NEURASTHENIA e Excitação nervosa.

3.º — Para as pessoas em Convalescenças de MOLESTIAS INFECIOSAS como FEBRE TYPHOIDE, grippe, VARIOLA, etc. Nestes casos o "VIGOGENIO" é de grande resultado.

4.º — Para as SENHORAS GRAVIDAS é muito recommendado, porque, devido ao seu grande poder nutritivo, augmenta a secreção lactea, concorrendo para a nutrição do pequeno sêr em formação.

5.º — Para as CRIANÇAS PALLIDAS, magras, de CRESCIMENTO DEMORADO é de um resultado espantoso, pois é o tonico APROPRIADO para esse fim. POUCOS VIDROS produzem effeito visivel, notando-se logo AUGMENTO DE PESO e melhor aspecto da criança.

6.º O "VIGOGENIO" é o fortificante mais receitado pelas notabilidades medicas, como Miguel Couto, Austregesilo, Rocha Vaz e outros, que, em BRILHANTES ATTESTADOS affirmam o SEU GRANDE VALOR.

MIGUEL COUTO, o mestre da Medicina, diz:

"Attesto que tenho empregado em minha clinica particular e na do hospital, com o MELHOR RESULTADO, o "VIGOGENIO", EXCELLENTE PREPARADO, não só pela sua COMPOSIÇÃO, como pela IRREPREHENSIVEL fabricação."

DR. MIGUEL COUTO.

(Firma reconhecida.)

Licenciado pelo D. N. de S. P. sob n. 833, em 20-11-919

TAYUYA'

DEPURATIVO-TONICO
ANTIHERPETICO
ANTIESCROPHULOSO

(DE S. JOAO DA BARRA)

La Diogenes por certa rua de Athenas, quando descobriu sobre a porta de uma casa, residencia de um homem sem virtudes conhecidas, esta inscripção: "Que nada de ruim passe sob esta porta". O philosopho parou e, como o vissem admirado, perguntou:

— E por onde entra o dono?



Conjugações

O illustre homem de letras é intimo amigo do outro, que é philologo inveterado, e cuja casa frequenta. Madame, a "philologa", não é moça, mas é ainda "comida" de boa mesa. Ha dias um amigo dos dois interpellou o visitante:

— Fulano, que é que tanto vaes fazer na casa de fulano?

— Eu? Estou conjugando o verbo amar.

— Em que tempo?

E o bilontra, piscando o olho:

No... "mais que perfeito"!

REGULADOR FONTOURA

O
GRANDE REMEDIO
DAS
SENHORAS

PARA
COMBATER AS CAUSAS
QUE ALTERAM
O SEU ESTADO DE SAUDE
E PARA ELIMINAR
OS DISTURBIOS NERVOSOS
AS CRISES DOLOROSAS
E A CONSEQUENTE
DECADENCIA
PHYSICA



O Gaudencio chega á estação da Leopoldina e pede:

— Dê-me tres passagens de 1.ª classe: uma para mim, uma para minha mulher e uma para minha sogra.

— Passagem para sogra não tem.

— Não tem?

— Não senhor. O senhor não está vendo que isto é um trem de recreio?

Um escriptor parahybano, Romeu Mariz, conta, nas suas Chronicas Sertanejas, episodios curiosos sobre a vida no interior.

Certa vez, foi um politico de Canindé, no Ceará, brindado pelo seu partido com uma patente de coronel. Indignado com a gentileza que o desprestigiava no municipio, o velho chefe eleitoral trovejou, ameaçando os correligionarios da capital:

— Qui coronéu, eu lá quero diabo de coronéu! Eu quero é capitão, isso é qué posto de home. Quero lá diabo de coronéu!

Adeante, escreve o mesmo chronista:

— "Quando o bispo cearense D. Joaquim foi a Uruburetama, os matutos estavam atrapalhados por não saber como deviam tratar tão alto dignatario da Egreja. Tirou-os desse aperto um rude sertanejo, no proprio dia em que o venerando antistite chegou áquelle logar. O matuto, em attitude de respeito, chapéo de couro na mão, logo que o Sr. bispo se apeou, bradou com todas as forças do seu pulmão:

— Viva seu capitão bispo!

E o povo, em côro:

— Viiiva!!!"

TERIA FEDERAL

UNICA official.

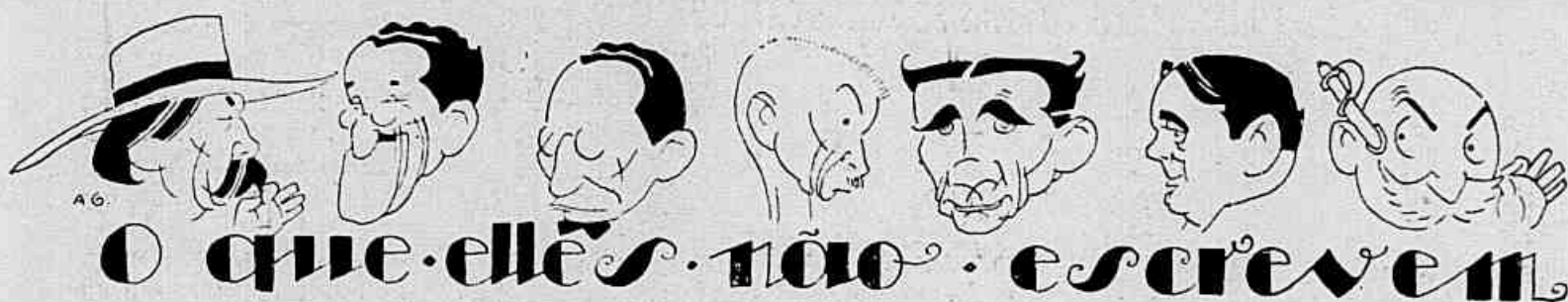
UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.

UNICA por cujos premios responde o Thesouro

UNICA extrahida á vista do publico nesta Capital.

CAPITAL: 3.000 contos COM O DEPOSITO DE 500 CONTOS no Thesouro.

PREDIO proprio, á Rua 1.ª de Março 110, com frente para a Rua Visconde de Itaboraity, 67, Extrações das 10 às 2 1/2, e ás 2 horas nos sabbados.



Lauro Muller

Ha uma vaga na Academia. Morreu Lauro Muller, e como elle era senador, diplomata, general e homem de espirito, não ha senador, diplomata, militar e contador de historias que se não julgue com direito á cadeira. Cada um alléga affinidades como o morto illustra, para disputar-lhe a successão.

— Dos candidatos, o unico que não pode allegar essa affinidade é Dom Aquino Corrêa, bispo de Cuyabá, — lembrava alguém. — O Lauro não era bispo.

— Sim, — confirmou o professor Silva Ramos; — mas ha affinidades.

E esfregando as mãos:

— O Lauro era muito amigo do Azeredo, que é senador por Matto Grosso!

×

A successão de Lauro Muller não é, entretanto, facil, mesmo na Academia, onde, sem ser um literato de profissão, era, contudo, um dos palavra, mesmo em cousas literarias, era ouvida sempre com acatamento, pela firmeza e criterio das suggestões.

Sabendo narrar com graça, gostava de pôr em evidencia essas qualidades, tornando-se o mais delicioso contador de anedotas e casos historicos. Certo dia, alguém apellou, em sessão da Academia, para dar opiniões sobre uma questão de dinheiro.

— Eu appello para o Dr. Lauro Muller, que é um homem honesto! — pediu o orador.

Chamado a terreno, Lauro Muller pediu a palavra, e estranhou a temeridade do seu confrade, chamando-o de "homem honesto". Honestos... até quanto? E contou, a proposito, o caso de um velho senador do Imperio, o qual, accusado de egual virtude no Senado, protestara:

— Senhores, o meu collega foi muito longe na sua affirmação. Ninguem poderá dizer se será sempre honesto. Eu, por exemplo, posso dizer que o sou até trinta contos, porque já tive em mãos, sem garantia nenhuma, trinta contos de um amigo, e os entreguei quando elle m'os pediu. D'ahi para cima, porém, não garanto nada!

A Academia riu, achou graça, e to'los ficaram satisfeitos com a solução do caso, que ia tomando um rumo desagradavel.

×

No Senado, como na Academia, Lauro Muller era sempre a nota subtil e risonha. Aqui vae um caso contado pela "A Manhã".

Certa vez, em meados do anno passado, conversava elle na sala do café com os representantes da imprensa junto ao Senado, sendo

o assumpto a successão presidencial. Sen nome apparecera, mais uma vez, nas columnas dos jornaes, como um dos "papaveis".

Fleugmatico, a fazer dentro do cinzeiro pequenas pilhas de phosphoros servidos, aos quaes ia ateando fogo, num habito muito seu, cujo resultado foi o estalar todos os vidros do revestimento interno dos mesmos objectos, Lauro Muller contou o seguinte:

— Nos theatros da Europa — disse — é habito levar á scena, antes da peça principal, uma pequena peça, de assumpto ligeiro. Serve esta para contentar a pequena burguezia e os proletarios, que se dirigem ao theatro mais cedo do que os grandes senhores. Depois dessa especie de "lever du rideau", entra a peça principal, já então com assistencia da aristocracia, que janta ás 9 horas da noite.

— Mas — continuou — os artistas que tomam parte na pequena representação, nunca apparecem na grande peça.

— Assim sou eu — concluiu ironico. — Meu nome sempre apparece no "lever du rideau" mas não entra na grande peça...

×

Outro caso, contado pelo mesmo diario. Lauro Muller fazia questão dos seguintes titulos: ex-ministro e futuro presidente. Ex-ministro porque o era. Presidente, não queria ser. Mas gostava que o chamassem futuro presidente.

E explicou:

— Tenho alguns desaffectedos e inimigos. A's vezes preciso delles, num pequeno serviço, uma informação, etc. Quando entro numa repartição e encontro qualquer ressas pessoas, que não gostam de mim, vejo que o seu primeiro gesto é de contrariedade. Mas logo lhes ocorre a idéa de que posso vir a ser presidente da Republica. Então, approximam-se sollicitos e me satisfazem, promptamente. São vantagens que eu perderei quando fôr e, mais ainda, depois que deixar de ser presidente...

×

Uma das medidas visadas pela reforma da Constituição em 1925, era a eliminção da cauda dos orçamentos, a qual é aproveitada ordinariamente para autorizações duvidosas e favores pessoaes. Não obstante isso os favores continuaram.

A proposito disso discutia-se na Comissão de Finanças, nesse anno, um d'esses favores, quando um senador observou:

— De nada serviu, então, a suppressão da cauda no orçamento!

— Perfeitamente, — concordou Lauro Muller.

E como velho fabulista:

— A cauda foi-se, mas o macaco ficou!



**AS CRIANÇAS
DE PEITO**
(UJAS MÃES OU AMAS SE TONIFICAM COM O
**VINHO BIOGENICO
DE GIFFONI**
*AUGMENTAM DE PESO E FICAM BELLAS.
ROBUSTAS E DESENVOLVIDAS.*
À VENDA NAS BOAS PHARMACIAS E DROGARIAS.
DEPOSITO:
DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & C.
RUA 1.ª DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO
LIC. R. N. S. PUBLICA Nº 489 DE 16-9-905 - (MARCA REGISTRADA)

— PETROL —

Perfuma, ondula, amacia e conserva o cabelo

Deposito: Pharmacia e Drogaria Giffoni - 1.º DE MARÇO, 17

O SORET faz Homens Fortes e Vigorosos!

Os homens que gozam de saúde, vigor e vitalidade são os que attrahem ao sexo feminino. Se sois velho e estais esgotado ou se tendes perdido vosso vigor a causa de muito trabalho, por uma enfermidade ou por outras causas, não vos desanimeis, porque o SORET, um remedio composto de accordo com as ultimas investigações scientificas, reconstruirá promptamente vosso organismo inteiro, voltando-vos a energia e a vitalidade, revivificando vossos órgãos com uma vida e uma força novas. Deveis pedir com insistencia o SORET sem accetar substituições.

Nas guerras que a Hollanda teve de sustentar, nos mares e em terra, no seculo XVII, era commum encontrar hollandezes, armadores de Haya e de Amsterdam, cujos navios iam supprir por todos os oceanos os inimigos da sua patria. Censurando, certo dia, a um desses traidores, o principe Mauricio teve delle esta resposta:

— Senhor, se se pudesse por mar fazer qualquer commercio vantajoso com o Inferno, eu seria o primeiro que me arriscaria em ir queimar minhas vélas!

×

Certo medico, submettido a exame para a conquista de um posto difficil, foi inquerido pelos examinadores sobre o tratamento de determinada molestia.

— Nesse caso, — atalhou o candidato, — eu ministraria ao doente uma gramma de strychnina.

Como os examinadores ficassem estupefactos, o examinando deu pelo engano, e, afflicto, corrigiu:

— Uma gramma não; um miligrammo!

Um dos examinadores, sahindo do seu mutismo, balanceou, então, a cabeça e murmurou, desolado:

— E' tarde, collega; o doente... morreu!

CAPILLOTONICO

CONTRA

PELLADA — CALVICIE
QUÉDA DO CABELLO
CASPA, etc. . . .

Maravilhosa combinação de tinturas da nossa Flora

Licença N. 3951 de 5-8-25 de D. N. S. P. — A' venda nas drogarias, pharmacias e perfumarias.

Depositarario: **PLINIO CAVALCANTI & C.** — **ALFANDEGA, 147**

CAIPIRADAS

Um caipira em São Paulo de CORNELIO PIRES

O caipira, apesar de sua intelligencia e astucia, commette "simplicidades" a todo o momento, principalmente quando deslocado do meio em que vive, ou em palestra com pessoa de certa cerimonia.

Agora, porém, com o avançamento das estradas de ferro e de rodagem e com a diffusão das escolas, vão os nossos roceiros soffrendo rapida transformação, "desacaipirando-se", facilmente.

O automovel, que hoje é "xarque" para o caipira, não o era ha poucos annos.

*
*
*

Viajando em 1906 pelo sartão do Paranapama, encontrei um caipira endinheirado, que se lamentava de não conhecer S. Paulo.

— Pois perca o amor a uns cobres, embarque para a Capital e telegraphie avisando, que irei esperal-o á estação.

— Mais nem o trem de ferro eu num conheço... Fais tempão que tenho vontade de i vê o tar no Cerquera Céza. Agora, quano elle chegá no São Berto, eu vô vê o tar...

Deixei o meu endereço, recommendando ao Nho Carrinho que pedisse ao telegraphista para redigir o telegramma, avisando-me, no dia da partida. Já meio esquecido do caipira, certo dia recebi o telegramma combinado.

Hospedado no Hotel do Oeste, mandei collocar mais uma cama no meu quarto e fui á "Sorocabana", envergando o meu celebre fraque, de bohemio de então, sovado mas bem talhado, pratico em disfarçar buracos de calças... A' chegada do trem, notei grande algazarra junto a um vagão de segunda classe.

— Uê!... Friguê!... Aa mala!

— Venha u signore commigo!...

— U trente e tre! — Quarantoto...

E os carregadores empencaram em cima do caipira como formiga em mosca morta. Avancei para o Carrinho, que assim estava sitiado, aos trancos, com um bahu velho todo amassado debaixo do braço, com as bainhas das calças remontadas nas alças dos sapatões e um palhinha enleado no pescoço.

— Olá, Nho Carrinho!

O caipira me refugou, mas me reconheceu.

— O'! C'os diabo! Quaje num conheci ocê co'essa japona...

E, numa ultima reacção:

— Ô intalianada escamungada. Cês nunca viro baúr, diabo — Arreda, caipora dos córvo.

Mandei levar o bahu ao hotel e convidei o caipira para irmos a pé, para que começasse a conhecer a cidade. Nho Carrinho, que pela primeira vez uzava calçado, seguia pisando alto e desageitado com o seu sapatão novo de vaqueta branca. Ao ver a Estação da Luz, bradou admirado:

— Eta egrejão bunito!

— Não é igreja, Nho Carrinho, é estação...

— Mas isso é peccado... Torrea só se bôta in egreja... Purisso que ocês da cidade vão tudo pro inferno!

Não havíamos caminhado vinte passos, quando surgiu um bonde a "nove pontos". O caipira "chateou" na parede, apavorado, protestando:

— Mais isto é ua farta de abuzo! Aonde já se viu botá vagão na rua! Isso descadêra essa veiarada e destripa as povre das criança...

Mal acabou a phrase e eis que surge um automovel em desabalada carreira, pharóes acesos, soltando fumaça com estrondo — pois naquelles tempos o oleo e a gazolina não eram purificados como hoje. Ao ver o auto, o caboclo mergulhou por um corredor a dentro.

— Que é isso, homem; não ha perigo!

E elle, resabiado, tapando o nariz com o indicador e o pollegar:

— Eta bicho satanais, escamungado! Lôco pra corrê i catinguento!

*
*
*

Ao avistar as casas mais vistosas, perguntava:

— De quem é essa casa?

— Não sei.

Depois de tres ou quatro "não sei" o caipira espantou-se:

— Intão ocê é daqui e num sabe de quem são as casa principá?!

Logo adiante passou estrondando uma motocicleta:

— Uiai... o cuisá-ruinzinho! — Catinguentinho, tombem!

Entrando pela Rua Quinze, vinha o caipira no meu rasto. Ao olhar para traz, notei que trazia, solemne, o chapéo nas mãos...

— Que é isso Nho Carrinho?

— Eta purcissão cumprida! Mais que gente sem inducação! Essa canaiada num tira o chapêu?

— E' o movimento da cidade; gente qua es-

CAIPIRADAS

Um caipira em São Paulo de CORNELIO PIRES

tá passeando...

— Cambada de vadiu...

Ao passar pelo "Progreior", entramos e nos sentamos, collocando o sertanejo o seu chapéu em baixo da cadeira.

— Agora "mecê" vae tomar um "chóp".

— Tchóc? — Deus te livre! — Já vi falá que nitricidade é raio adomado...

— Garçon! Um "chóp" para o meu companheiro e um MOSCATEL para mim.

O Carrinho pegou o copo, cheirou, provou e teve uma decepção:

— Isso é cerveja! Inté no sertão se conhece... Mais essa moda de cerveja vim no copo eu num gósto! Cerveja pra mim haide vim na garrafa, que é pra gente carculá o táio... Assim in copo inté é signá de miseria...

Dalli fomos ao Pinoni, ao Fazolli e Castellões, o Carrinho a tomar "chóp" e eu só no MOSCATEL... Sem me preocupar com o cansaço do companheiro, fomos ao Polytheama. Naquelles tempos ainda havia um certo prazer em ver decotes e pernas até os joelhos, ao som de um maxixe que, mesmo de longe, escandalisava as familias.

— Oê fais cada ua... — protestou escandalizado o caipira.

No intervallo sentamo-nos junto a uma meza.

— Cumo é que chama o servente?

— Garçon.

— Ó, garção! Me traga um busca-pé... Tomado o moscatel, o caipira começou a erguer e baixar os pés, incommodadissimo...

— Que é que ha?

— Iii! Rá... pais! Tô cos pé pegano fogo! Premera veis que carço... Sapatão marvado... Tá me cumeno o carcanhá... E pra mim a cabeça do dedão já foi simbóra! Bamo simbora pro hoteis?

— Vamos, que já é tempo de descansar.

Ao sairmos, um francez pisou no pé do caipira.

— Pardon, didon...

— Fosse no dedão eu num fazia cauzo... Tu já viu dedão pro lado de fóra, seo!?... Italiano burro!

Ao chegarmos ao quarto, extenuado o caipira sentou-se de golpe na cama, dando em seguida um salto, ao sentir que a mesma cedia.

— Não cae, não! A cama é de molla...

E o Carrinho, sentando-se de novo na cama, poz-se a flexionar as pernas, baixando-se e elevando-se, num gozo infindo.

— Eta gostozura! — Pramorde isso que ocês véve tudo gordo... Que cama maciu! Inté vô levá ua dessas pra Nha Dôca...

E enquanto falava foi arrancando os sapatos, largando-os no soalho com grande estrondo. Tirou as meias que mais pareciam coadores de café... Deitou-se. Espichou o corpo com um prazer fóra do commum e, num grande gozo e alivio, moveu os dedos dos pés, separando-os, a commentar:

— Tão contente canaiada!... Derde madrugada um grudado notro... E mettia os vãos dos dedos nas varetas de ferro da cama, afim de refrescal-os...

Sob o cortinado, parecia estar falando sosinho e eu o interpellei:

— Está falando sosinho?

— Deus que me perdõe... E-vê que tô que nem Senhor-Minino no Prezépe...

* * *

No dia seguinte Nho Carrinho queria comprar tudo que via, especialmente facões, arreios e espingardas.

Ao atravessarmos a Rua Quinze, quase "se desgraça" o meu bom roceiro. Valeu-lhe a agilidade de todo o brasileiro, geralmente mollenção, mas só na apparencia.

No meio da rua, vem-lhe em cima um automovel em louca velocidade. Contei morto o caipira! Mas o Carrinho, fugindo rapido com o corpo, escapou-se do auto mas foi atirado ao solo por uma motocicleta que vinha logo atraz.

Corri em seu auxilio.

— Machucou-se?

E o caboclo, limpando os joelhos:

— Quage me rebentô o patação...

— Sim senhor! — você é ligeiro!

— E'... Da egua eu se escapei, mais a potranquinha inda me pegô...

CORNELIO PIRES

Potins...

A vingança do pae da patria

O conhecido senador esteve envolvido, uma vez, em um flagrante curioso. Frequentador de uma casa suspeita, fora surprehendido ahi por um delegado irreverente, com o qual travou discussão.

— Mas, senador, isto aqui é uma casa de tolerancia !

Passaram-se dois annos e, agora, teve o delegado de ir ao Senado, para fazer um pedido. O senador viu-o, e foi ao seu encontro:

— O senhor por aqui ?

E impiedoso:

— O senhor não sabe que isto aqui é uma casa de... intolerancia ?

×

"Elles" por "elles"

Quando aquelle solido vendeiro da esquina, naquella rua nova do morro do Senado, viu estabelecer-se nas proximidades uma casa de encontros galantes, sonhou, logo, com o augmento do negocio. E assim foi. A dona da casa, velhota maternal, passou a comprar fartamente na "venda", a ponto de, no fim do mez, fechar o caderno com um conto e setecentos, de debito no fornecedor. Chegou porém, o dia 5, e nada de dinheiro. No dia 10, o vendeiro mandou reclamar.

— Dinheiro ? — estranhou a velhota. — Diga a elle que eu não costume pagar com dinheiro os meus fornecedores.

E apontando, na sala de jantar, as frequentadoras:

— Pago com "generos"...

×

Factos expressivos

A crise commercial está séria. Dia a dia a pressão augmenta na praça, arrastando casas tradicionaes e reduzindo á metade a vida mundana. O luxo, as joias, os theatros, as corridas mesmo, reflectem essa situação.

Ha muito tempo aquelle corrector de cambiaes annunciava á esposa a sua situação difficil. Ella não acreditou senão agora.

— Ah, menina, — dizia madame, uma d'estas tardes, a uma das suas amigas. — Agora é que eu vejo que a situação financeira do meu marido é muito grave.

E alarmada:

— Imagina tu que elle agora está entrando em casa antes de meia noite, e, quando chega, vae sempre me procurar na minha cama!...

×

Pirataria

O casal mora só, em uma casinha de villa. A casa é, comtudo, um mimo de gosto e de animação. Ahi recebe a creaturinha os seus arrugos. Recebe-os ahi, mas, quando se trata de passar adeante, para outro aposento, ella indaga, sempre:

— Tens duzentos mil réis ahi ?

O visitante entrega a cedula, ou as cedulas, que ella deixa em cima da mesa de jantar, bem á vista.

— Não é por mim, — explica a "pirata". — E' cousa do meu marido.

E puxando a victima pela mão:

— Se elle não encontra isso aqui quando entra, faz um barulho dos diabos!...

×

O que escapou

Aquelle homem illustre, que ninguem vê em companhia da esposa e dos filhos, sabe, ás vezes, ter espirito na sua desgraça. Uma d'estas noites estava elle no "Municipal", nas "torrinhas", em companhia de um amigo, quando dois rapazes de São Paulo começaram a conversar sobre o pessoal da platéa e das frisas.

— Estás vendo aquella frisa com quatro senhoras ? — fez um delles. — Duas são solteiras; uma é tia d'ellas, solteira tambem; e a outra, da frente, é mãe das duas primeiras... "Comidas", tudo !

— As moças ?

— Então ? Eu já andei com ellas uma noite inteira.

— E a tia ?

— A tia, tambem. Bôa pequena. Mas, a melhor de todas é a "velha". Estamos juntos quasi todos os dias.

Por essa altura o pobre pae e esposo, que via tratar-se de sua gente, virou-se para o amigo:

— Então, fulano ? Que tal, essa informação ?

E tentando ser cynico:

— Se eu não fôsse quem sou, este "camarada" acabava possuindo a familia toda!...

A Saude da Mulher

As Senhoras têm, muitas vezes, a vida atormentada por males, cuja causa ignoram. São palpitações, vertigens, zoadas nos ouvidos, náuseas, falta de appetite, dores de cabeça, dores no corpo, depauperamento geral, desanimo. A origem d'estes sofrimentos, é quasi sempre o máo funcionamento dos órgãos femeninos. Urge, em taes casos, o emprego d'um medicamento energico, que actue directamente sobre os órgãos enfermos.

O REMEDIO QUE AS SENHORAS DEVEM PREFERIR

Não é difficil, porém, uma senhora escolher o remedio que mais lhe possa convir : — o numero copioso de pessoas curadas, a opinião de illustres medicos brasileiros proclamam que "A Saude da Mulher" é o melhor remedio para incommodos de senhoras porque, como nenhum outro, acalma e regularisa as funcções uterinas.

OREDES
ACQUARO



Director: Conselheiro XX

ANNO V -- N. 235

RIO DE JANEIRO, 7 DE AGOSTO DE 1926

O CANDELABRO

A Associação Beneficente das Senhoras Honestas havia escolhido aquelle dia para a sua instalação. E como nas cidades pequenas todas as senhoras são honestas, a população estava, inteira, no salão nobre do Conselho Municipal, gentilmente cedido pelo Prefeito para tão honrosa cerimonia. E' verdade que, em cima, no andar superior, funcionava o Club Tepsychore, a prospera e conhecida sociedade dançante. Que mal havia, entretanto, nisso? Entre os dois salões havia de per-mei-o o soalho, com a circumstancia de ser o club uma associação rigorosamente familiar.

Naquella tarde havia, mesmo, danças no Tepsychore. As mães, embaixo, no salão da Camara, e as filhas em cima, no salão do Club. Uma cousa, porém, não prejudicava a outra. Nem os discursos se elevavam, a ponto de perturbar as dansas, nem o arrastar dos pés descia, a ponto de interromper os discursos.

Na Associação Beneficente das Mulheres Honestas o interesse era, comtudo, maior. Já haviam orado o Prefeito, o juiz de Direito, o promotor, e a professora publica, Dona Mathilde Vianna. E estava de pé, no tablado, o vigario da parochia, Padre Saturnino olhou para o tecto, des-repente, o estuque do fôrro estremeceu, sacudindo ao chão um punhado de calça. Padre Saturnino olhou para o tecto, des-confiado, mas reatou, logo, a sua oração:

— Como eu ia dizendo, meus caros irmãos, a nova instituição era já uma ne-cessidade na nossa parochia. E foi a mão de Deus que...

Nesse momento, porém, um ruído mais forte, e quasi de desabamento, par-tiu do tecto. Um pedaço do estuque, fei-to em fragmentos, veio ao chão, ao mesmo tempo que uma taboa do soalho do primeiro andar cedia, dando passagem a um corpo de mulher, que ficou pendu-rado no tecto do salão da Camara por de-

baixo dos braços, e oscillando ahi, na im-minencia de despencar-se. Ao passar pelo buraco, as pontas de taboa foram, entretanto, repuxando o vestido para cima, de modo que o que alli estava, ba-lançando, eram duas pernas femininas cuja parte coberta era, apenas, a dos sa-patos e das meias. O resto, até á altu-ra dos seios, estava inteiramente á mostra.

— Oh!... Oh!... — foi a exclama-ção que partiu de todas os boccas, na sur-presa do escandalo.

— E' a Lucinha, filha da professora! — informou, de olhos arregalados, o pro-motor publico, fixando um signalsinho que se via no corpo da victima, ao lado es-querdo do umbigo.

O mais atrapalhado em toda aquella assembléa era, todavia, padre Saturnino. De pé no estrado, quiz, de subito, valer-se da sua autoridade, para conter a curio-sidade peccadora da assistencia.

— Meus irmãos! — gritou. — Eu vos peço calma e ordem. Eu vos peço or-dem e respeito. Por isso, em nome de Deus, eu vos supplico: não olheis para... para... para o lustre que está balan-çando no tecto! Imaginae, meus irmãos, que é um simples candelabro...

Por essa altura, ouviu-se a uma das portas do salão uma voz, que pedia:

— Licença!... Dêem licença!...

Era o Gaudencio, continuo da Camara Municipal, que vinha invadindo a sala, a carregar uma escada.

— Que é isso, homem? Para que é isso? — exclamou o Prefeito, dirigindo-se ao funcionario.

E este, que ainda não havia olhado para o tecto:

— Não é o lustre que está balan-çando?

E na mesma singelleza, mostrando uma stearina:

— E mesmo está na hora... Eu vou botar uma véla nelle..

CONSELHEIRO XX

PAGINAS ESQUECIDAS (1897)

O Peccado POR PLACIDO JUNIOR (Bob)

A Anacleta ia caminho da igreja, muito atrapalhada, pensando no modo por que havia de dizer ao confessor os seus peccados. Teria a coragem de tudo? E a pobre Anacleta tremia só com a idéa de contar o menor d'aquelles ao severo padre Roxo, um padre terrivel, cujo o'har de coruja punha um frio na alma da gente. E a desventurada ia quasi chorando de desespero, quando, já perto da igreja, encontrou a comadre Rita.

Abraços, beijos.. E lá ficam as duas, no meio da praça, ao sol, conversando.

— Venho da igreja, comadre Anacleta, venho da igreja... Lá me confessei com o padre

Roxo que é um santo homem...

— Ai! — comadre! — gemeu a Anacleta — tambem para lá vou... e se soubesse com que medo! Nem sei se terei ousadia de dizer os meus peccados... Aquelle padre é tão rigoroso...

— Historias, comadre, historias! — exclama a Rita — vá com confiança e verá que o padre não é tão máo como se diz...

— Mas é que meus peccados são grandes...

— E os meus então, filha?... Olhe: disse-os todos e o Sr. padre Roxo me ouviu com toda a indulgencia...

— Comadre Rita, todo o meu medo é da penitencia que elle me ha de impôr, comadre Rita...

— Qual penitencia, comadre?! — diz a outra rindo — as penitencias que elle impõe são tão brandas!... Quer saber? Contei-lhe que hontem o José Ferrador me deu um beijo na bocca... um grande peccado, não é verdade? Pois sabe a penitencia que o padre Roxo me deu?... Mandou-me ficar com a bocca de molho na pia de agua benta durante cinco minutos...

— Ai! que estou perdida, senhora comadre, ai! que estou perdida! — desata a gritar a Anacleta, rompendo num pranto convulsivo — Ai! que estou perdida!

A comadre Rita, espantada, tenta em vão socegar a outra:

— Vamos, comadre! que tem?

— Ai, comadre! é que, se elle me dá a mesma penitencia que deu á senhora, — não sei o que hei de fazer!

— Por que, filha? por que?

— Porque... porque... afinal de contas... eu não sei como é que... hei de tomar banho na pia!...

PLACIDO JUNIOR (Bob)

"ESTRELLAS" DO "DIA"



NAIR ALVES

Artista de excellentes recursos, e que tem triumphado sempre no theatro de revistas.

A corrida de automovel de

TUFFI MALUF ALI

Naquelle dia, na pequena cidade do interior do Estado de Minas Geraes, a multidão aguardava, ansiosa, a chegada dos automoveis que haviam tomado parte nas corridas. Havia por todos os lados, no ponto final da linha, um vozerio indizivel, gritos, risos abafados, apostas, um tumulto ensurdecador. Moças, de binoculos, fitavam as planuras de além, esperando o primeiro auto que deveria apontar na curva da estrada. Eram as "torcedoras," as mais interessadas no final do torneio que tanto empolgava a população da cidade.

No meio de todo o fallatorio a voz de melle. Alice, sonora, cantante, alteava-se enthusiasmada. Filha de opulento coronel, apostára o dinheiro do pae num carro pilotado por um amator — um medico sympathico e que era "trunfo" em cousas de "sport".

De caderneta na mão melle insistia para que fizessem apostas; e então, para lhe serem agradaveis ou para lhe satisfazerem os caprichos, os "cabos de esquadra" rodearam-na e apostavam:

— Vinte, mademoiselle...

— Cincoenta, mademoiselle...

As apostas subiam, e melle, afogueada, linda a valer no seu vestido de seda rosa, sorria para todos, num sorriso captivante, sensual, de fazer a gente perder a cabeça.

A' tarde, quando ao longe appareceu o primeiro automovel, melle. enthusiasinou-se tanto, que se diria haver endoidecido.

O automovel chegou, bufando, numa nuvem de pó. Depois veio outro, mais outro, outro ainda. O seu "favorito" — um lindo "Crysler", tinha feito o percurso com uma rapidez espantosa, excedendo a todos os demais na peleja.

Quando se approximou da "fita," o tumulto foi de enorme sensação. Então melle. Alice, adiantando-se, tropega, quasi a desfallecer de alegria, gritou em meio a multidão:

— Entrou... entrou na frente... Upa! Que bom!...

Quando, em seguida, o automovel parou, e delle saiu o "chauffeur" medico, sorridente,

cheio de pó e cheio de si, melle. correu a abraçá-lo, murmurando ainda, num sorriso encantador:

— Entrou na frente, hein?...

E o medico "aguia", calmo, num sorriso expressivo:

— Como sempre, aliás...

TUFFI MALUF ALI

THEATROS DO RIO



MARISKA

Artista graciosa e perfeita, cujo successo crescente têm sido proclamado merecidamente pela imprensa e pelo publico.



O SABIO LINNEU

(BOTANICO ILLUSTRE QUE ESTUDOU AS "PLANTAS" ... DOS CAVALLOS)

O CANDIDATO ESCRUPULOSO adaptado de Noré Brunel

O Sebastião Botelho havia chegado ao Rio de Janeiro para empregar-se no commercio. Em Juiz de Fora, onde nascera e se creara, a existência lhe correra como um riacho tranqüillo, até que tendo de cuidar da vida, tomara o trem e viera para a grande metropole.

Aqui, sosinho, hospedara-se em uma pensão modesta, para as bandas da Saúde. E o dia inteiro, passava-o a perambular pela cidade, em busca de uma collocação conveniente.

Pelos annuncios dos jornaes era difficil encontrar o que desejava. Quando lia um, e chegava ao lugar indicado, a vaga já estava preenchida. Até que, um dia, em conversa com um conhecido, este lembrara :

—Sabe onde você talvez se arranje? Na rua Sachet, 142. Você já esteve lá?

—Não.

—Então, vá. É uma agencia de machinas, que sempre dispõe de vagas.

Nesse mesmo dia o Sebastião Botelho foi ao lugar designado. Era um primeiro andar, com elevador. Em cima, um continuo, a quem pedira informações, confirmara a necessidade de empregados. E apontando-lhe uma grade :

— O senhor empurre aquella porta, e espere na saleta.

O Sebastião Botelho empurrou a porta, e, ao penetrar em um gabinete cujo mobiliario era constituido de um terno de pallinha, deu, logo, com um cartaz pregado na parede, e no qual leu:

"Precisam-se de empregados dos dois sexos"

Ao ler essas palavras, esfirou, desolado. E ia retirar-se, quando se abriu outra porta, e entrou no gabinete um rapaz alto, de olhos, physionomia alegre, de homem emprehendedor.

—Que é que o amigo deseja?

Sebastião empalideceu. Fez, porém um esforço, e titubeou :

—Nada, não senhor... Eu tinha vindo aqui por causa do emprego... Mas estou vendo que não sirvo...

—Não serve? Por que?

—Porque o annuncio, alli, é claro. O senhor precisa de empregados dos dois sexos... Não é?

—Sim, senhor.

—Mas eu não sirvo, não...

E baixando os olhos muito vermelho :
— Eu só tenho um...

AS "ESTRELLAS" DO "DIA"



CELESTE REIS

uma das artistas predilectas da platéa carioca.

N O R É B R U N E L

A "Ousada" de JOB KEY

EXIGENCIAS



— É a senhora que precisa d'uma companhia?
 — Não, rapaz, uma "companhia" não me chega.
 — ?...
 — Preciso de um "regimento"!

A entrada gratis no novo prado do Jockey-Club, nos terrenos conquistados á Lagôa Rodrigo de Freitas, tornaram-se mais difficil do que mesmo, a entrada no céo. As facilidades que havia no antigo campo, desapareceram. Agora, só tem ingresso quem adquire a "entrada" na bilheteria, ou os individuos que tem funções no prado, como tratadores dos parceiros.

O José Fernando, lavador de cavallos no prado antigo, imaginara que, no novo hippodromo, poderia entrar sem pagar, como fazia antigamente. Ao chegar, porém, á porta, foi com uma cara de palmo e meio que se viu recusado, indo encostar-se, desolado, a pequena distancia, a olhar a multidão que para alli affluia. Em certo instante, porém, chegou á porta um rapaz e, sem bilhete, informou, apenas:

— Eu sou o "jockey" da "Ousada"!

A essas palavras, o porteiro não poz o menor obstaculo.

— Pode passar, — disse.

Minutos depois, outro:

— Eu sou o "entraineur" da "Ousada".

— Pode passar, — ordenou o porteiro, outra vez.

Um instante mais, e outro:

— Eu sou o veterinario da "Ousada".

— Pode passar.

Encostado a poucos metros de distancia, o José Fernando ia observando as regalias da eua do Dr. Linneu de Paula Machado. Que fazer, porém, agora, pois que já haviam passado o "jockey", o "entraineur" e o veterinario? Disfarçou um pouco, e, a poucos metros do portão, cahiu de quatro pés.

E nessa posição, diante do porteiro:

— Eu sou... a "Ousada"!

JOB KEY

O Methodo Coué de LACTANCIO LOPES

O professor Coué, recentemente fallecido em Paris, era autor de um processo de cura que tomou vulto em todo o mundo. Consistia elle na educação da vontade e no desejo sincero, profundo, de saúde e felicidade. Para pratical-o, basta que o individuo, todas as manhãs, ao despertar, diga tres vezes, convictamente:

— Eu estou de perfeita saúde... Nada me dóe... Tudo me corre bem...

E se tem desejos de fortuna:

— Hoje eu quero ganhar dinheiro... Eu hei de enriquecer... Eu quero hoje ganhar tanto...

O Abdenago Martins, advogado de renome e de boa figura, era, por convicção ou por conveniência, um dos entusiastas do processo Coué. Não o era, porém, para ganhar dinheiro ou para triumphar nas causas: era-o unicamente em relação ás mulheres que dezeitava conquistar, e ás quaes punha sempre um cerco apertado, até que ellas, premidas por elle, acabavam capitulando.

De quantas havia até então assaltado, uma, apenas, estava resistindo á sua tenacidade. Era a Heloisa, esposa do seu amigo Jacques Brandão, a qual respondia sempre com uma gargalhada aos seus mais ardentes madrigaes de apaixonado.

— Vamos experimentar o methodo Coué, de modo invertido... — pensou o bilontra. — Ella anda, também, perseguida pelo Pantaleão, primo d'ella, mas elle mesmo nada conseguiu até agora.

Intimo da casa, foi sem custo que, á informação da Heloisa de que era inutil o seu assédio, indagou:

— Mas porque você não cede, madame?

— Porque não penso em enganar o meu marido.

— Mas, se você tiver o desejo de enganar-o, você o enganará?

— Se eu tiver esse desejo, nada m'o impedirá; é claro.

— Pois, bem; vamos empregar o methodo Coué.

— Methodo, que?

— Coué. E' simples: todas as manhãs, ao acordar, você repete: "Eu quero enganar meu marido... Hoje eu enganarei meu marido... Eu dezeitvo enganar meu marido..."

Outra gargalhada, foi a resposta. Como, porém, o Abdenago não sabia capitular, todos os dias indagava da moça:

— Nada?

— Nada!

— Tem proferido a frase?

— Tenho. E não tenho sentido dezeitvo nenhum de pratical-a.

Espaçando as visitas deixou o Abdenago de ir dois dias seguidos á casa de Jacques Brandão. No terceiro dia foi, e encontrou a Heloisa radiante.

— Sabe? A frase surtiu effeito!

O rapaz deu um pulo.

— Sentiu, então, dezeitvos de enganar o Jacques? — exclamou, esfregando as mãos.

— Enormes! irresistiveis!

— Posso, então, contar com você?

— Ah, filho, isso não! — protestou a ra-

PENDORES



— Eu, filha, gosto de ir logo ás do cabo.

— Pois, eu sou mais exigente; gosto de ir ás do "coronel"!

pariga. — O effeito da frase foi hontem; e como você não veio por aqui...

— Que é que houve?

E a Heloisa, espreguiçando-se:

— Eu me entreguei ao Pantaleão!

LACTANCIO LOPES



Um instantaneo, após a missa das onze horas, no ultimo domingo.

A Gallinha de Raça de GIOVANNI MORELLI

A velha Balbina era pobre, mas vivia feliz. Creando as suas gallinhas, os seus patos, os seus perús, vivia da pequena renda d'esse pequeno negocio, e, graças a isso, não precisava, nunca, de estender a mão a ninguem. A molestia da filha havia, porém, desorganizado a sua vida. Vendera os perús, os patos, os frangos. E agora, vendidas as gallinhas communs, via-se na contingencia de dispôr daquella, que era uma das melhores poideiras do seu quintal.

Forçada a isso, a velha foi ao poleiro, apanhou a ave, que estava no ninho, e não foi sem uma lagrima no canto dos olhos que a suspendeu na mão, avaliando-lhe o peso. E foi com tristeza maior ainda que tomou o caminho da casa do major Gabriel, pequeno creador da região, o qual, embora pobre tambem, sempre era homem e sabia lutar pela vida.

A' porta do major, a velha Balbina bateu palmas. E a ultima palma não havia acabado de resoar, quando appareceu no corredor a Justininha, garôta de treze annos, filha do dono da casa.

— Bom dia, Justininha! — saudou a velha.

— Bom dia, tia Balbina.

— Tininha eu vim aqui vêr se seu pae quer comprar esta gallinha. Era a melhor que eu tinha. Veja.

A menina pegou a ave por baixo das azas, examinou-a, soprou-lhe as pennas, e indagou:

— Quanto a senhora quer por ella, tia Balbina?

— Tres mil réis, minha filha.

— O que? Tres mil réis?...

— E é barato, minha filha. Veja que é uma gallinha de raça... uma gallinha de qualidade... E poi deira como não ha outra... Eu nunca levantei o rabo d'ella que não achasse um ôvo debaixo!

— Ora! ora! — fez a garôta, rindo. — E só por isso a senhora pede tres mil réis! Agora imagine a senhora quanto papae vae pedir pelo meu porco, que, toda a vez que se levanta o rabo d'elle...

— ?...

— Se encontra mais do que um!...

G I O V A N N I M O R E L L I

O Creado Grave adaptado de Charles Gluny

Quando o duque de Lavigne chegou ao Rio de Janeiro, trazido pela depreciação do franco, a maior dificuldade que encontrou foi na organização do seu pessoal domestico. Palacetes confortaveis, automoveis elegantes, sociedade fina, — tudo isso havia aqui. Os bons creados eram, porém, cousa rara, senão impossivel, de modo que a Genny, camareira da senhora duqueza, teve de utilizar o que havia de mais aproveitavel na cidade, encarregando-se do seu aperfeiçoamento. E assim foi, pode-se dizer, que inventou o cosinheiro, o jardineiro, o copeiro e, mesmo, o creado grave do senhor duque, improvisado da noite para o dia com o material do solido e sympathico Nicolau.

Esse Nicolau era um rapagão brasileiro, filho de polacos de Santa Catharina. Alto, forte, branco, de boa apparencia, era simples "garçon" de café quando, tentado por um annuncio, foi apresentar-se no palacete do duque de Lavigne, onde a Genny o analysou detidamente, acabando por acceital-o.

— O senhorr, — disse-lhe ella, puxando por todos os rr, — o senhorr vae sêrvir de creado grave do senhorr duque.

Ao fim de dois mezes de aprendizagem o Nicolau era, realmente, um perfeito creado de casa nobre. Conhecia a linguagem technica do pessoal de camara e copa, nada lhe faltando, nem na figura, nem nas maneiras, para ser o mais correcto dos serviçaes.

Ao fim de dois mezes e meio de actividade estava o Nicolau a escovar a sua libre para deitar-se, quando mlle. Genny, a camareira, o foi chamar ao seu quarto.

— Senhorr Nicolau?... Senhorr Nicolau?...

— Mademoiselle?... — fez o rapagão, abrindo a porta.

— Senhorr Nicolau, — tornou a francezinha, — a senhora duqueza o está chamando com urgencia aos seus apartamentos... Vá immediatamente!

A ordem não deixava de ser estranha, assim, ás onze e meia da noite. O senhor duque havia saído ha uma hora para o Casino Copacabana, e não voltava senão ás duas ou tres da manhã. Que haveria, pois? Tres minutos e mais, e batia o Nicolau á porta da alcova de madame.

— Toc, toc, toc!

— "Entrez"! — mandou, de dentro, uma voz feminina, pautada em musica.

Ao empurrar a porta, quiz recuar, na suposição de um engano. A "toilette" de madame era, realmente, tão summaria, que elle chegara a suppor um sonho tudo aquillo.

Magdalena, duqueza de Lavigne, era uma d'essas creaturinhas leves, delicadas, mimosas, que não se sabe, ao certo, se nasceram para mulher ou para boneca. Branca e loura, era miuda, bocca pequena, cabello de ouro cortado curto, com uma franja dourada na testa, e uns olhos azues, tão azues que pareciam feitos com dois pequenos calices de agua do mar, onde o

céo, bem azul, se reflectisse. Como, porém, já tivesse visto esses encantos todos, o Nicolau preferiu a occasião para ver o que nunca vira. E assim foi que, irreverentemente, desceu o olhar pelo corpo da fidalga, detendo-se principalmente no ponto em que um dos seios, pequeno, rigido como um pudimsinho de baunilha, se escapava da camisa de seda creme, para espiar, timido, as cousas em roda. Sentada no divan turco, a perna trançada, Magdalena, com a nudez vellada unicamente pela sua camiseta de seda, deixava patente toda a sua plastica irreprehensivel, ao mesmo tempo que, com a piteirinha de ouro e ambar entre os dedos roséos, enchia o aposento de um perfume languido de serralho.

CHEIRA, ZADE...



— O rapaz com quem eu fui prometteu-me as "Mil e uma noites"... Que bom! Se eu com uma noite só já me sinto tão feliz, imaginem com mais mil!...

— A senhora duqueza chamou?

— Chamei, Nicolau, — confirmou, familiar, a fidalga.

E indicando-lhe uma ponta do divan:

— Senta aqui, Nicolau!

O que houve depois, não é da conta de ninguém. Uma hora da madrugada menos um quarto, o creado grave do duque de Lavigne abotoava o seu collete de listas e endireitava a sua gravata, prompto para retirar-se. Abotoou-se, empertigou-se.

E numa reverencia, da porta:

— A senhora duqueza está servida?

Charles Gluny

CORDIALIDADE INTERNACIONAL



Festejando a data da independência do seu país, o sr. ministro do Perú offereceu no edificio da legação, animada recepção á sociedade carioca. A photographia regista um aspecto dessa festa de cordialidade.

A Descoberta do professor Lobato Guedes de CHARGOT & PASTEUR

O nome do professor Lobato Guedes tinha sido uma surpresa para o mundo scientifico do Rio de Janeiro. Chegado da Europa, onde havia, no dizer dos jornaes, frequentado os institutos de maior fama, foi com verdadeira furia que se lançou, por intermedio da imprensa, á conquista da notoriedade..

— E' uma sabio! — diziam uns.

— E' uma besta! — affirmavam outros.

A notoriedade pertence, porém, tanto ao sabio como á besta. E a prova é que, ao fim de alguns mezes, possuia Lobato Guedes uma casa de Saude com o seu nome, a qual, em certo dia, ou antes, em certa noite, abriu o seu salão principal, afim de receber, para uma demonstração, todos os membros da Academia de Medicina, ou, melhor, todo o corpo medico do Rio de Janeiro.

Repleto o salão do que havia de representativo na classe, subiu Lobato Guedes ao estrado, e explicou o motivo d'aquella convocação.

— Meus collegas e mestres, — começou, — em primeiro lugar, perdoae-me trazer-vos a esta casa, em vez de ir ao salão da Academia, para a demonstração que desejo fazer. Esta é, porém, de tal ordem, que eu só poderia realizal-

a aqui, utilizando para isso um dos meus doentes.

E manuseando as tiras que tinha em mãos:

— A minha comunicação, presados collegas, consiste no seguinte: na acção do mercurio, sob a influencia dos Raios Violeta, no corpo humano. Nas experiencias por mim feitas, eu verifiquei que, injectado 1 cc. de mercurio no individuo, e submettendo-o á acção dos Raios Violeta, o seu organismo perde immediatamente 2 % do seu peso.

Um silencio absoluto povoava o salão. Havia curiosidade evidente nos olhos de cada medico.

— Passemos á demonstração, — continuou Lobato Guedes. — Vou fazer vir um dos meus doentes e offerecer-vos aqui mesmo, a prova da minha descoberta.

Bateu palmas. Apareceram dois enfermeiros.

— Tragam o doente do quarto 19.

Momentos depois, dava entrada no salão um rapagão apparentando trinta annos.

— Aqui está, — declarou o joven sabio nacional. — Antes de dar-lhe a injectão vou pe-



Um aspecto da festa dançante com que a União dos Empregados no Commercio comemorou o anniversario da sua fundação. Foi uma festa animada, como todas aquellas em que toma parte quem trabalha muito e se diverte pouco.

A Descoberta do professor Lobato Guedes de CHARCOT & PASTEUR

sal-o naquella balança, na vossa presença.

Rápidos, as mãos ageis, os dois medicos assistentes puzeram o rapaz nú em pello, friccionado-o com alcool. O paciente subiu na balança, e cada medico examinou o mostrador.

— Sessenta e um kilos e duzentas grammas! — verificaram todos.

— Muito bem, — tornou Lobato Guedes.

— Agora, vou applicar-lhe a injeção, e submettel-o ao effeito do Raio Violeta.

Feito isso era preciso esperar meia hora. Dada a ordem para que se vestisse de novo, aguardou-se esse espaço de tempo. Reaberta a sessão, o sabio declarou:

— Muito bem. Vamos, agora, ver o effeito. O paciente deve estar pesando, neste momento sessenta kilos, devendo ter perdido um kilo e duzentas grammas, nesta meia hora.

Bateu palmas. O rapaz appareceu á porta, vestido ainda.

— Não, senhor, — declarou Lobato Guedes. — Venha despido. Peça ahi que lhe ti-

rem a roupa, e que lhe friccione o corpo, de novo.

O moço entrou, e, cinco minutos depois, regressava nú, velando-se com as mãos. Subiu na balança de costas para a assembléa. O ponteiro correu, doido, e parou.

— Sessenta e dois kilos e meio! — exclamaram todos, com espanto, olhando o mostrador.

Lobato Guedes ficou livido. Desceu do estrado, e caminhou para o rapaz.

— O senhor comeu ou bebeu agua, agora?

— Nada, doutor.

E como se explica haver o senhor augmentado mais de um kilo, de meia hora para cá?

— E' simples, doutor, — explicou o pobre, atrapalhado. — E, que ha meia hora, eu fui friccioneado pelos assistentes; e agora...

— Que houve?

E elle, cobrindo-se numa atrapalhação:

— Agora... eu fui friccioneado pelas enfermeiras!...

CHARCOT & PASTEUR

O Calção de Zinco

CONTO QUASI

POLACO DE

WILBY

O velho Polyteke estava com dezoito annos de exercicio no Corpo de Bombeiros quando, no grande incendio dos armazens Moscowa, soffreu aquelle desastre: ao sahir de um dos pavimentos em fogo, incendiaram-se-lhe as roupas, chegando o valoroso soldado á rua transformado em uma pavorosa fogueira. Aposentado por excesso de bravura, a sua preocupação, desde esse dia, consistia em procurar um meio de pre-

ESPECIALISTA, «MALGRÉ TOUT»



— Ah, minha filha, eu nem te digo: eu fui hontem ao medico, e elle me mandou que puzesse a lingua para fóra.

— Era algum especialista de môlestias do estomago?

— Qual, nada. Era um sem-vergonha!

caver os seus collegas contra accidentes como aquelle que o ia victimando. E o que a sua imaginação conseguira, havia sido aquelle fardamento de zinco incombustivel, com o qual o bombeiro poderia entrar no fogo até o pescoço, sem o menor risco de sair queimado.

Trabalhando, elle proprio, na confecção da farda do seu invento, o velho Polyteke esperava, ancioso, a ordem do governo para proceder ás experiencias officiaes, quando, naquella noite, bateram á porta da casa. Era o Polyte, rapagão bonito e vistoso, namorado de Marieka, filha unica do velho bombeiro, o qual ia convidal-a para ir ao cinema, onde deviam levar uma deliciosa fita americana.

— Ir ao cinema contigo, rapaz? — estranhou o velho. — Hoje é impossivel! Eu não posso acompanhar vocês, porque estou esperando uns amigos. Minha mulher tambem não pode, porque está de cama. E deixar ir a rapariga sosinha contigo, não deixo.

— Mas, por que, tio Polyteke? Não ha mal nenhum.

— Não ha mal nenhum? Ah, meu rapaz! Tu já viste pôr fogo junto de palha, sem risco de incendio?

O rapaz era, porém, teimoso. E como a linda Marieka sahisse em seu auxilio, o velho acabou cedendo. Cedeu, mas, quando a filha já estava quasi vestida, foi ao seu quarto, e, entregando-lhe o calção de zinco da farda incombustivel, ordenou-lhe:

— Toma; veste isso por baixo da camisa.

— Mas, pae... — tentou a moça.

— Nada! Veste, ou não vaes!

Ante essa imposição, Marieka vestiu o calção de zinco, que lhe ia da cintura ao joelho. O velho Polyteke examinou-o depois de vestido, passou-lhe o cadeado no cós, e, guardando a chave, ordenou:

— Agora, vae, filha. Vae, mas volta cedo.

Após a sahida do Polyte e de Marieka para o cinema chegaram as visitas do bombeiro. Chegaram, conversaram e partiram. Soaram as onze horas. Soaram as doze badaladas da meia-noite.

— E' impossivel que a sessão do cinema não tenha acabado! — pensou o velho, inquieto.

A's 12, 20, não podendo mais esperar, o antigo bombeiro poz o bonet na cabeça, e sahio. Ao chegar á esquina, vendo que o cinema já se achava fechado, entrou no botequim, e chamou o dono, que era seu amigo.

— Melchisedek, diga-me uma cousa: o cinema já acabou ha muito tempo?

— Ha duas horas, seguramente.

— E você não viu por aqui a minha filha?

— Marieka?

— Sim.

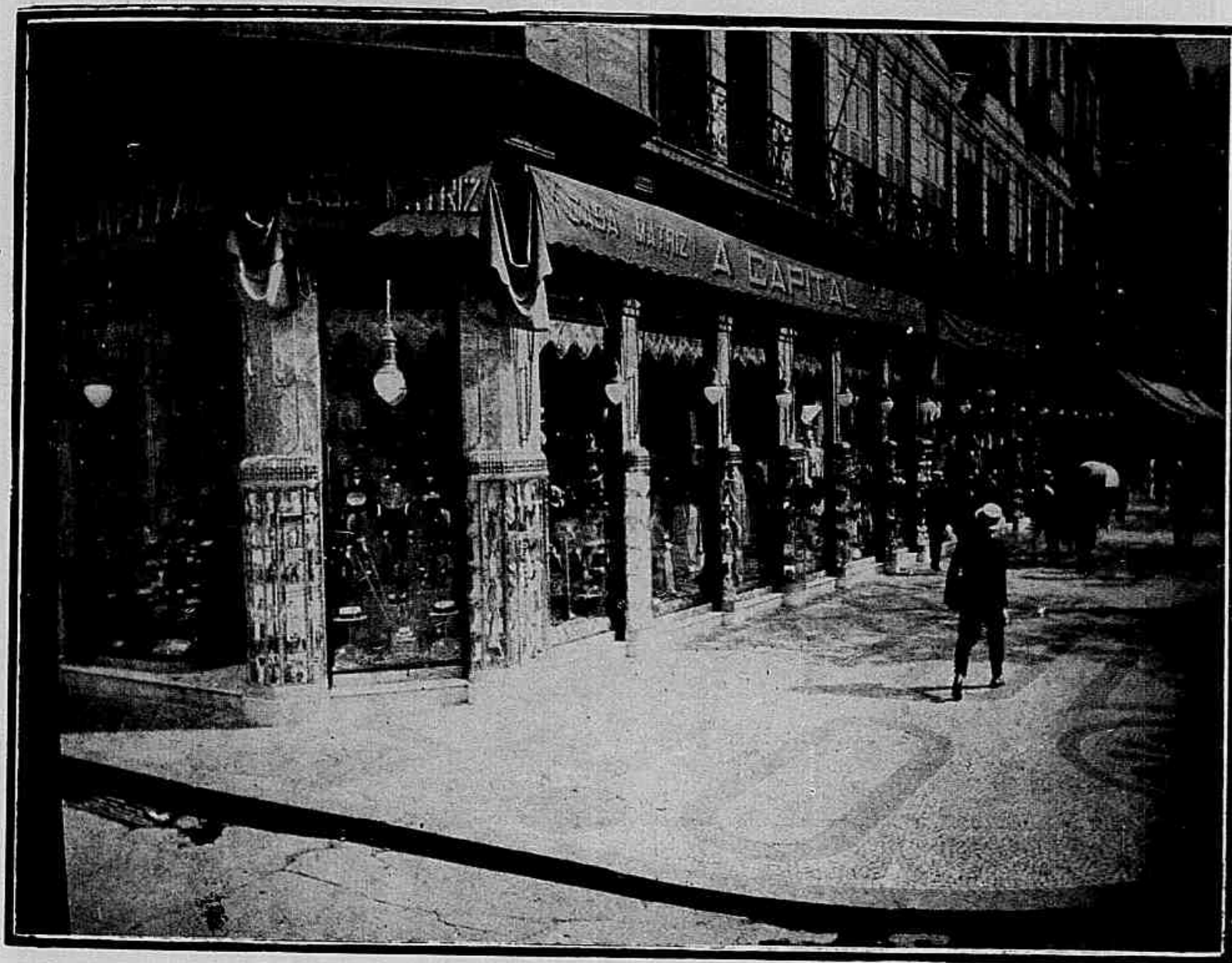
— Ella passou por aqui, com o Polyte, logo que o cinema acabou.

E indifferente:

— Por signal que, até, me pediram empregado, os dois, um ferro de abrir lata!

W I L B Y

AS GRANDES INSTALAÇÕES D' "A CAPITAL"



"A CAPITAL" acaba de installar na sua "Casa Matriz", mais 15 bellissimas vitrines externas, ultimamente recebidas de Paris.
A nossa photographia mostra o conjunto das grandes exposições externas do conhecido e importante "magasin" da Avenida, legitimo orgulho da cidade.

O Relógio do Peixeiro historia de YANTOCK

— Não podem imaginar o que me aconteceu outro dia, — dizia o peixeiro Procopio.

— Pescaste alguma baleia ?

— Nada. Escutem.

— Não nos vás contar alguma das tuas, pois o tempo já está ameaçando chuva.

— Deixa-te de bobagem.

— Vamos, então.

O Procopio começou. Outro dia retirei o meu relógio do prego, mandei concertal-o, pois estava com o "macanismo" atacado de influenza hespanhola; e, quando o relojoeiro m'o deu, o dito relógio funcionava bem p'ra burro.

Até que eu ao voltar da freguezia, botei em cima da meza um carangueijo que não consegui vender, e, para me divertir, abri o casco do relógio e olhei para dentro do dito "macanismo" do engenho.

Si vocês vissem que maravilha ! Rodas, rodellas, rodinhas, tudo aquillo tic, tic, tic, lá p'ra dentro daquella geringonça !

Bom tempo passei a ver as entranhas do relógio, até que a mulher veio me dizer que a

meza estava no jantar.

Deixei o relógio aberto... e bom appetite para vossemecês todos.

Isso foi um destes dias.

Pois bem; no dia seguinte, eu quiz saber a que horas estavamos; puxei o relógio do bolso e que surpresa, minha gente ! o meu relógio, tão exacto qu'elle era, caminhava p'ra traz; e já estava recuando como "boche" no tempo da guerra !

— Você talvez se esqueceu de lhe dar corda.

— Qual ! Dei corda até p'ra elle se enforcar com toda a familia.

Acertei-o na hora justa e logo um dia depois, o diacho a caminhar p'ra traz, p'ra móde que hoje é hontem e amanhã é hoje.

Pasmado levei o relógio ao relojoeiro. O homem botou no olho aquelle canudo e abriu o casco do bruto. E imaginem quem estava alli dentro !

— A machina !

— Qual ! — Não é que o maldito do caranguejo se tinha mettido dentro do relógio ?

Y A N T O C K



"Team" do Fluminense F. C., o qual bateu, no ultimo domingo, pelo score de 4 x 2, o Bangú

TUAS PERNAS DE JOSIVA

Quando vi tuas pernas tão formosas,
Esmerados labores de escultura,
Compreendi a vaidade com que gósas
Os louvores á tua formosura.

Ah! não saibas, jamais, quanta tortura,
Têm causado essas curvas caprichosas!
E eu jamais te direi a idéa impura
Que me dão tuas pernas primorosas!

Quando as vi, certa vez, num certo instante,
Odiei a alva sêda que escondia.
De taes pernas a carne fascinante.

Se tivesse cumprido os meus desejos,
A nudez d'essas pernas cobriria
Com as meias ardentes dos meus beijos!

JOSIVA

As duas moscas parodia de Nielsen Rugendas

Sobre o marmore azul do "toilette" de Lia,
Trabalho magistral, a capricho talhado,
De moscas, um casal, inquieto, d'scutia,
A gloria espiritual de nella haver pousado.

— "Sou mais feliz que tu" — uma dellas dizia:
"Um dia, a surprehendi no leito perfumado."

— "E eu, — disse a segunda, — eu consegui
[um dia,
"Beijar-lhe o corpo em flor, ardente, immacu-
[lado."

— "Qual! Eu sou mais feliz! Pude beijar-lhe
[o labio,
"Hostia de flor e aroma. Ainda sinto o resabio.
"O calor, a volupia, o mel do labio seu."

— "Não falles mais.. Tambem não ousarás con-
[tar-lhe:"
(Por Deus.. Confio em ti.) Eu consegui hei-
[jar-lhe
"O biquinho do seio. A mais feliz sou eu!"

Nielsen Rugendas



(1897)

A

— Padre ! (contrito e choroso)

*Falta uma
pag.
dia 7*

X
I
N
H
A

(E descança sobre os joelhos
A caixinha do rapé !)

Falla a dama: — "Meu marido
Andava fóra de casa...
Eu tinha a cabeça em brasa,
O corpo desfallecido...
Nisto entra o primo Manuel;
E' um typo de muita ronha...
Padre ! poupe-me a vergonha
D'esta confissão cruel !"

Volve o padre: "E' grave..." Nisto,
A um gesto a caixinha tomba...
(E' uma caixinha d'arromba,
Com o nome — "Padre Evaristo")
Apontar elle a saia oisa
A' moça accessa em rubor,
E diz: — "Faça-me favor;
Deixe-me vêr... essa coisa !..."

P
O
R
P
E
D
R
O
R
A
B
E
L
L
O

Pedro Rabello





"Team" do Fluminense F. C., o qual bateu, no ultimo domingo, pelo score de 4 x 2, o Bangú

TUAS PERNAS DE JOSIVA

Quando vi tuas pernas tão formosas,
Esmerados labores de esculptura,
Compreendi a vaidade com que gósas
Os louvores á tua formosura.

Ah! não saibas, jamais, quanta tortura,
Têm causado essas curvas caprichosas!
E eu jamais te direi a idéa impura
Que me dão tuas pernas primorosas!

Quando as vi, certa vez, num certo instante,
Odiei a alva sêda que escondia
De taes pernas a carne fascinante.

Se tivesse cumprido os meus desejos,
A nudez d'essas pernas cobriria
Com as meias ardentes dos meus beijos!

JOSIVA

As duas moscas parodia de Nielsen Rugendas

Sobre o marmore azul do "toilette" de Lia,
Trabalho magistral, a capricho talhado,
De moscas, um casal, inquiêto, d'scutia,
A gloria espiritual de nella haver pousado.

— "Sou mais feliz que tu" — uma dellas dizia:
"Um dia, a surpreendi no leito perfumado."

— "E eu, — disse a segunda, — eu consegui
[um dia,
"Beijar-lhe o corpo em flor, ardente, immacu-
[lado."

— "Qual! Eu sou mais feliz! Pude beijar-lhe
[o labio,
"Hostia de flor e aroma. Ainda sinto o resabio.
"O calor, a volupia, o mel do labio seu."

— "Não falles mais.. Tambem não ousarás con-
[tar-lhe:"
(Por Deus.. Confio em ti.) Eu consegui bei-
[jar-lhe
"O biquinho do seio. A mais fel'z sou eu!"

Nielsen Rugendas

O HUMORISMO NOS ESTADOS
(Maranhão)

MARTELLANDO... DE TITO NOVAES

I

"Na Bahia, um corrector da praça sonhou com o milhar 5398, pelo qual, jogando no bicho, recebeu a quantia de 180 contos de réis".

(Da "Pacotilha")

Eu, que vivo do martello
Apenas por um capricho,
Se fosse viver do bicho,
Com a sorte que Deus me deu;
Eu, já velho e aposentado,
N'um estado decadente,
Já não tinha, certamente,
Mais nada, leitor, de meu.

No entanto, para as mulheres,
Raramente o bicho falha!
No dia que a sorte encalha,
Vem logo a "revanche" atraz!
Os banqueiros não resistem:
Ficam "promptos", depennados...
Até mesmo os "avisados"
São esses que pagam mais!

Ha mulheres que, da sorte
Se um dia um sorriso apanham,
Se "limpam" depressa e ganham,
A's vezes dinheiro a jôrro!
Eu conheço uma pequena
Lá das bandas do Mercado
Que comprou um bom sobrado
Só jogando no cachorro!

O bicho, afinal, é um jôgo
Muito bom p'ra quem acerta;
Mas quem perde — não deserta,
Nunca deixa de jogar!
Quem no grupo não se arranja,
Descarrega nas dezenas,
Ou se alarga nas centenas,
Se não joga no milhar.

Outr'ora acertava, ás vezes,
Mas hoje não faço nada!
Só já dei uma "tacada"
Que de nada me valeu,
Porque fui jogar no gato
Fui um burro, fui um louco!
Pois o gato, pouco a pouco,
Todo o "cobre" me comeu!

Desde então não mais perdi
Meus "cobres", leitor, jogando.
Hoje vivo martellando
Porque a sorte assim o quer.
Eu não joga mais no bicho
E tenho razões de sobra:
— Basta nelle entrar a cobra
P'ra ser joga de mulher.

II

"Maria do Livramento foi ás vias de facto com a sua vizinha Heloisa Coelho, em virtude desta ter o habito de despejar materias putridas no ralo do rêgo que passava pelo seu quintal".

(Do "Pequeno Jornal")

Quando o assumpto é muito crú,
Não trôço, leitor, me calo...
Eu conheço muitos rêgos,
Mas, no entanto, não sabia
Que neste mundo existia
Algum que tivesse ralo!...

III

"Na fabrica Santa Maria, á rua da Conceição, n. 356, precisa-se de moças para a secção de empacotamento de velas".

(Dos Jornaes)

Os annuncios desta ordem
São até improcedentes.
Para emprego tão suave,
Sendo bem remuneradas,
Ou solteiras, ou casadas,
Nunca faltam pretendentes.

E' serviço que não cansa,
Nem mesmo segredos tem.
Ha mulheres tão treinadas,
Que, sem pegarem nas velas,
Só pela grossura d'ellas,
Já sabem que pêso tem!

Ha mulher que até conhece,
Se d'um pacote se apossa,
Quando as velas são de cêra,
Quando são de estearina,
Quando a vela é muito fina,
Quando é curta, ou quando é grossa!

Todas ellas, mais ou menos,
Trabalham com perfeição...
Todavia muitos homens,
Seja dito de passagem,
Em materia de "embalagem",
Fazem d'isso profissão!

IV

"Em Itajubá, no Estado de Santa Catharina, Celestina Campello, que se diz actuada por um espirito, toca maravilhosamente nove instrumentos, sem que nunca tivesse tido a menor noção de musica".

(Do "O Tempo", de Florianopolis)

Não duvido que assim seja,
Porque existe no Codó
Um rapaz de treze annos,
Que tudo, leitores, toca
Num pedaço de taboca,
Que tem um buraco só!

T I T O N O V A E S

EDUCAÇÃO PHYSICA

Equitação POR ANDRÉ BRUM

A equitação é a arte de cair o menos possível de um cavallo abaixo. Pratica-se também esta arte em relação aos burros, aos elephantes, aos bufalos, ás avestruzes e outros quadrupedes de boa vontade; mas os principios geraes da equitação foram estabelecidos para o cavallo, que, desde então, ficou gratissimo ao homem pelo testemunho de consideração recebido.

Não nos demoraremos a descrever o cavallo. E' um animal vegetariano e a mais nobre conquista do homem, depois da mulher. Tem cabeça, corpo e membros, como qualquer de nós e também tem rabo, mas mais comprido do que o nosso. Não é dotado do uso da palavra; não é elegível nem eleitor, por ser, em geral, analphabeto e, quando é do sexo feminino, chama-se água. Quando é inglez, não usa cauda e, quando é arabe, relincha no deserto, o que é um entretenimento agradável em paragens tão desprovidas de distrações.

Ha muitos cavallos. Temos o cavallo de Troia que era de pau e tenho dito. Dentro tinha soldados, como qualquer caixa de brinquedos. Temos também o Rosinante, cavallo de D. Quixote, vendido depois para uma tourada em Badajoz. Temos ainda o cavallo branco de Napoleão, que andou em numerosas guerras, esteve para ter a Legião d'Honra, e desconsiderou os inglezes em Waterloo, fazendo o que Cambrone lhes disse. Temos finalmente o cavallo de D. José, que tem uma estatua no Terreiro do Paço e temos o cavallo no 26 e 29, que é infallivel nas rolêtas pataqueiras.

Ha uns cavallos ás riscas como o panno dos colchões que se chamam zêbras. Afinal são uns cavallos como os outros. O que gostam é de dar nas vistas.

* * *

Sobre equitação escreveu D. Duarte — salvo erro — um livro, intitulado "A arte de bem cavalgar toda a sella", em que se recommenda, principalmente o evitar as sellas, que tenham prégos espetados, pois não ha fórmula de as bem cavalgar, sem avaria das calças e competente recheio.

Para montar a cavallo, puxam-se as rédeas, seguram-se as crinas, mette-se um pé no estribo — convem que seja o esquerdo, porque, em cavallaria, não é bom entrar com o pé direito, com risco de se ficar voltado para o lado da cauda — e, fazendo-se um pequeno esforço, o cavallo põe-se a andar e o cavalleiro cae de traseiro no chão, o que o leva a verificar a necessidade de alguém lhe segurar o bucéphalo.

Repetindo a operação com mais cautela, fica o cavalleiro na posição e habilitado a praticar a equitação. O cavallo tem tres velocidades, como os automoveis: o passo, o trote e o galope. O freio nos dentes não é considerado como andamento, mas sim como um perigo para costellas. O cavallo a passô, para passar ao trote, basta ser animado com uma chibatinha ou com uma picada de espôra. Para se passar á terceira velocidade, o processo é o mesmo. Para se sustentar a carreira, systema é puxar pelas rédeas. Estas acionam o freio, que aperta a lingua do cavallo, o qual se demora para ver quem lhe faz tão estúpida brincadeira e modera então a sua velocidade. A' segunda vez que lhe façam essa partida, pára com a ideia de partir a cara ao folião o qual deverá aproveitar essa ocasião para se apeiar, pois não ha nada mais perigoso do que descer d'um cavallo ou d'um electrico em marcha.

* * *

Uma das coisas mais difficeis, que se pode fazer com um cavallo, é vendel-o. Outra é fazel-o saltar. Chega-se a este fim da seguinte maneira: mette-se o bicho a galope em direcção ao obstaculo. Ao chegar perto d'este, o cavallo, que ainda não percebeu o que se lhe pede, estáta. Então o cavalleiro salta pelas orelhas e vae cair do outro lado. Repete-se isto bastantes vezes, até o cavallo comprehender. Depois salta sem diffculdade.

Este "sport" da equitação tem os seus perigos principalmente ligados á indiscutivel lei da gravidade. Por outro lado ha cavallos, que não têm bons sentimentos e mordem ou dão coices, quando não fasem ambas as coisas ao mesmo tempo. Os cavallos. Os cavallos que mordem têm facil emenda. Lê-se-lhes o programma do restaurante frugivoro da Avenida, e, em face dos inconvenientes do carnivorismo, passam só a morder em vegetaes. Faz-se perder o habito dos coices com o uso das saias travadinhas.

As quedas, que podem ser frequentes, remedeiam-se com o seguinte estratagema: prende-se uma corda a uma argola, enfia-se esta nos fios telephonicos ou da viação e liga-se a outra ponta da corda a uma segunda argola presa ao centro de gravidade do cavalleiro. Põe o cavallo atirar com este fóra que aquillo é o mesmo que ter a casa segura na companhia Bonança ou Fidelidade. Ha também um processo infallivel para nunca cair d'um cavallo. E' andar sempre a pé.

André Brum

ACABA DE APPARECER

EM NOVA EDIÇÃO:

Gansos do Capitolio

CONSELHEIRO X. X.

(HUMBERTO DE CAMPOS)

PEDIDOS A'

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19

Rio de Janeiro



PARE!
E
OUÇA

o que diz
o eminente
Prof. Dr.
RUBIÃO
MEIRA
Attesto
que tenho
empregado
com frequência
em minha clínica o

**Emplastro
PHENIX**

obtendo excelentes
resultados na **CURA**
RHEUMATISMO,
DORES nas COSTAS,
CONSTIPAÇÕES,
— etc —

EXISTE HA 50 ANOS
EXIJA ESTA MARCA